

Entre Passado, Presente e Futuro: a Representação do Campesinato Negro no Fotojornalismo da *Revista Globo Rural* (2005- 2010)

Denis Henrique Fiuza ¹

Samira Perucchi Moretto²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os discursos fotográficos sobre passado, presente e futuro que fundamentaram a representação do campesinato na revista brasileira *Globo Rural* entre 2005 e 2010. Fundada em 1985 pelas *Organizações Globo*, a revista fez amplo uso da fotografia em suas páginas e, a partir de 2005, passou a publicar a seção "Ensaio", dedicada a álbuns fotográficos selecionados sobre o meio rural e seus agricultores. Em particular, essa seção enfatiza camponeses pobres, geralmente de origem africana e indígena. Diante disso, o estudo busca compreender por que uma revista que se autodenomina "porta-voz do agronegócio" escolheu destacar agricultores que não pertencem a grupos hegemônicos nessa seção, além de investigar como construiu seus espaços de experiência a partir das noções de passado, presente e futuro. A fotografia, enquanto fonte histórica, exige a análise da negociação de sentidos e significados, bem como da capacidade narrativa das imagens técnicas, considerando sua organização e publicação em um periódico de circulação nacional. Assim, este estudo de história ambiental examina o acervo fotográfico da revista, com ênfase em determinados ensaios, questionando o papel da *Globo Rural* como "condutora de condutas" onde as ideias atuam como agentes ecológicos.

Palavras-chave: *Globo Rural*; Iconografia; Agricultura; História Ambiental.

¹ Doutorando em História, Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista FAPESC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2550960556333370> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4353-4726>. E-mail: dfiuzahistoria@gmail.com

² Doutora em História, Professora titular da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0033743659222185>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5276-2512> E-mail: samirapm@gmail.com

What black farmers do we see on the newsstands? analyze of photojournalism of Globo Rural magazine (2005–2010)

Abstract: This article aims to analyze the photographic discourses on the past, present, and future that shaped the representation of peasantry in the Brazilian magazine *Globo Rural* between 2005 and 2010. Founded in 1985 by *Organizações Globo*, the magazine made extensive use of photography throughout its pages and, starting in 2005, introduced the section *Ensaio*, dedicated to curated photographic albums portraying rural life and its workers. Notably, this section emphasized poor peasants, often of African and Indigenous descent. Given this context, the study seeks to understand why a magazine that defines itself as the "spokesperson for agribusiness" chose to highlight farmers who do not belong to hegemonic groups in this particular section. Additionally, it examines how the magazine constructed spaces of experience through notions of past, present, and future. As a historical source, photography requires an analysis of the negotiation of meanings and narratives, considering how images are selected, organized, and published in a nationally circulated periodical. Thus, this study examines the magazine's photographic archive, focusing on specific *Ensaio* editions, to explore *Globo Rural's* role as a mediator in the construction of meanings and as a "conductor of conduct."

Keywords: *Globo Rural*; Iconography, Agriculture; Environmental History.

Introdução

A *Globo Rural* foi fundada em outubro de 1985, como uma publicação mensal voltada à temática rural. Passados vinte anos de seu lançamento, a revista criou a seção "Ensaio". Essa iniciativa representou mais um investimento do periódico na linguagem imagética como ferramenta de comunicação, uma vez que, desde sua primeira edição, a revista construiu sua narrativa a partir do texto escrito e de muitas imagens. Inicialmente, eram publicadas fotografias de cenas veiculadas no programa de TV *homônimo* (fundado em 1980). Posteriormente, a equipe da revista percebeu a necessidade de produzir imagens próprias, ampliando assim o uso da fotografia na construção de sua narrativa. Desde a primeira edição, os editores destacaram que a revista adotaria uma linguagem simples, com o objetivo de ser lida por agricultores, muitas vezes com pouca instrução. Nesse contexto, as imagens tornaram-se uma ferramenta importante para a *Globo Rural*.

A revista *Globo Rural* sempre publicou imagens coloridas e de alta qualidade, o que seguia uma tendência comum entre as principais revistas da época. Dentre outras funções, suas imagens buscavam refletir a necessidade de atender à crescente relevância universal da ideia de natureza, que se tornou frequentemente um objeto de consumo¹. Sendo assim, publicavam flores coloridas, árvores, animais, verduras, frutas, campos de trigo, soja e milho, compondo em suas fotografias uma ideia de natureza associada ao rural que buscava comercializar.

Além disso, as imagens capturadas por fotógrafos especializados com câmeras de alta resolução para a época, juntamente com as demais técnicas empregadas no periódico, buscavam aludir ao "tecnológico" e à modernização, termos frequentemente utilizados na revista para descrever o processo de expansão da Revolução Verde e o uso de máquinas e insumos agrícolas no Brasil desde os anos 1950.

No entanto, a seção "Ensaio" apresentou uma perspectiva distinta, ou até mesmo um outro ângulo para retratar o meio rural. As imagens, em sua maioria em tons de cinza, preto e branco, mostravam cenários com poucas máquinas agrícolas e sem referência ao desenvolvimento tecnológico. Nessa seção, houve uma ênfase maior na representação de agricultores pobres, negros e indígenas, o que, à primeira vista, poderia parecer comum em um periódico rural. Contudo, a análise das fotografias publicadas revela que o foco estava em um tipo específico de agricultura e de agricultores, diferente daquele observado em outras seções, o que demanda uma análise mais cuidadosa sobre a ideia universal de homem do campo promovida pelo periódico, considerando como o ambiente e os indivíduos eram retratados em certas páginas desse impresso.

Duas ações preponderantes podem ser identificadas nesse discurso. Por um lado, a narrativa dos ensaios buscava organizar as experiências temporais dos indivíduos e dos espaços retratados, dando sentido às ideias de presente, passado e futuro a partir de uma perspectiva externa específica. Por outro lado, a revista atuou como mediadora entre os leitores e um tipo de vida no campo idealizado, conduzindo as condutas para alcançar uma redenção, não em uma vida futura, mas na vida presente^{III}.

Este trabalho, portanto, analisa a representação dos camponeses no discurso de fotojornalismo da revista *Globo Rural* nos anos de 2005 a 2010, com ênfase naqueles que emergem na seção "Ensaio" como "sombras, silêncios e sobras da representação"^{IV} no discurso hegemônico. Elementos como o conteúdo, o ângulo das imagens, as cores, os indivíduos e paisagens retratados, bem como sua disposição nas páginas da revista, são analisados à luz da história ambiental e dos pressupostos teórico-metodológicos da história e do fotojornalismo.

Uma história ambiental do campesinato negro

A história ambiental oferece um arcabouço teórico e metodológico essencial para compreender as dinâmicas do campesinato negro no Brasil. Desde seu surgimento nos anos 1970, esse campo de investigação busca integrar a ação humana ao mundo biofísico, questionando leituras históricas que dissociam a vida social do ambiente natural. Pádua e Carvalho^v destacam que a história ambiental "nasceu de inquietações e críticas teóricas em relação à leitura 'flutuante' da história humana". Dessa forma, essa abordagem permite analisar o papel preponderante de africanos e afro-brasileiros na transformação do território brasileiro.

O Brasil recebeu a maior parcela de escravizados durante o período colonial, e, mesmo diante das adversidades do sistema escravista, esses indivíduos territorializaram diferentes ambientes. Paul E. Little^{vi} argumenta que qualquer território é resultado de processos históricos, sociais e políticos, sendo moldado pela ação humana. Assim, a agrobiodiversidade brasileira foi profundamente influenciada por práticas agrícolas africanas, um processo que Judith Carney^{vii} analisa ao estudar a domesticação e adaptação de culturas como o arroz africano (*Oryza glaberrima*) nas Américas. Para Carney^{viii}, a diáspora africana não apenas forneceu mão de obra para a agricultura colonial, mas também contribuiu ativamente para a introdução e manejo de espécies fundamentais na economia agrícola.

Alberto Costa e Silva^{ix} destaca que a presença expressiva de africanos influenciou os costumes e os modos de cultivo, moldando diretamente a paisagem agrícola brasileira. A história ambiental, nesse contexto, possibilita uma visão mais ampla do campesinato negro, não apenas como um grupo social marginalizado, mas como agentes históricos fundamentais na configuração do meio rural. Rios e Mattos apontam que "com a abolição do cativo, os escravos pareciam ter saído

das senzalas e da história, substituídos pela chegada em massa de imigrantes europeus^x, reforçando a necessidade de reavaliar o papel ativo dos ex-escravizados na formação do Brasil rural.

A africanização da paisagem rural brasileira tem uma longa história, remonta aos primeiros anos da colonização portuguesa. Expressiva quantidade de animais e plantas de origem africana chegaram ao país por meio do comércio atlântico, “a paisagem colonial foi desde cedo se africanizando”^{xi}. Pontua-se que esse processo se dá sobremaneira pelo elemento humano, utilizado como mão de obra escrava, em maior escala na plantation agroexportadora, e em menor nas propriedades que visavam o mercado interno na produção de carne, couro, gêneros alimentícios, e em propriedades de subsistência. Ao longo do período colonial multiplicaram-se os atos de resistência que resultaram na formação de mocambos e quilombos, espaços onde escravos fugidos das fazendas se agrupavam, produzindo para sua própria subsistência e para o comércio, o maior deles e mais conhecido foi Palmares^{xii}.

Rios^{xiii} argumenta que o campesinato negro se consolidou como uma categoria social distinta, combinando práticas de subsistência e redes de apoio comunitárias. Mattos complementa essa visão, ressaltando que a terra tornou-se um elemento central de disputa para essas comunidades, frequentemente alvo de tentativas de expropriação pelas elites agrárias. Fragoso^{xiv} aponta que a diversificação da economia rural no século XIX favoreceu a formação de pequenas propriedades familiares negras, muitas das quais resistiram à lógica latifundiária imposta pelo Estado.

O campesinato negro, portanto, deve ser visto como um agente histórico ativo, capaz de criar formas autônomas de organização e resistência. Motta^{xv} ressalta que, apesar das restrições impostas pela Lei de Terras de 1850, muitas comunidades negras conseguiram manter suas propriedades e consolidar

territórios produtivos. Assim, analisar os trabalhadores rurais negros como sujeitos históricos possibilita compreender suas condições de vida e trabalho, além de destacar sua contribuição essencial para a estruturação do Brasil rural.

Nesta análise de história ambiental, busca-se compreender como as ideias atuam como agentes ecológicos^{xvi}, explorando os ensaios fotográficos da imprensa rural e a forma como a representação do campesinato negro é articulada ao contexto da agricultura brasileira do período. A partir dessa análise historiográfica, torna-se possível compreender não apenas as condições de vida e trabalho dos trabalhadores rurais negros, mas também as estratégias discursivas empregadas para sua representação na mídia, evidenciando como sua imagem foi construída e inserida na narrativa da modernização agrícola brasileira.

O fotojornalismo da *Globo Rural*

[...] vasculhar usos de imagens não como ilustrações, mas como documentos que, assim como os demais, constroem modelos e concepções. Não como reflexo, mas como produção de representações, costumes, percepções, e não como imagens fixas e presas a determinados temas ou contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam.^{xvii}

Discutir a utilização das fotografias pela imprensa rural é um caminho promissor para compreender os processos históricos pelos quais passaram os camponeses no Brasil nas últimas décadas, as relações de raça e classe, bem como as transformações ambientais. As imagens publicadas na *Globo Rural* foram elementos fundamentais na construção de modelos e concepções de agricultura, agricultores e do ambiente rural, com o objetivo de influenciar diretamente a realidade sócio-histórica do campesinato.

Portanto, torna-se essencial analisar “os processos de produção de sentido na sociedade contemporânea, com destaque para o papel desempenhado pela tecnologia”^{xviii} os quais, no caso da revista *Globo Rural*, estão profundamente ligados à sua concepção de agricultura modernizada. A fotografia digital, juntamente com os avanços nas telecomunicações e na informática, trouxe ao fotojornalismo, grandes potencialidades em termos de velocidade, maleabilidade e aplicação em diferentes meios^{xix}, aspectos também valorizados no tipo de agricultura que o periódico se propôs a divulgar.

Para compreender como isso ocorreu, é necessário questionar a produção dessas imagens: quem são os principais editores e, no caso das fotografias, quem são os responsáveis por esse setor e os fotógrafos envolvidos?^{xx} No caso da *Globo Rural*, Ernesto de Souza foi o principal fotógrafo e responsável pela seleção das fotografias publicadas. Ele foi descrito pela revista como especialista em fotografia da natureza, permanecendo na função desde a fundação da revista até o início dos anos 2010. Em 2006, ao completar 21 anos, a revista publicou uma seleção de fotografias de Souza, consideradas históricas e formadoras de sua narrativa, exaltando assim a relevância das imagens e do fotógrafo em sua trajetória.

Como descreve o texto dessa edição^{xxi}, o que mais chamava a atenção de Ernesto era “o povo”, no caso, os agricultores, então, nessa ocasião foram selecionadas imagens, publicadas em reportagens anteriores, em que ele retrata esses indivíduos e seus espaços de vivência. Os critérios para essa seleção não foram descritos, apenas cita-se que se tratava de um apanhado rápido do que já havia sido publicado pela revista – “algumas das fotos que ele gostou”^{xxii}. Mauad, entretanto, chama a atenção para o fato de que é necessário analisar “o papel dos sujeitos sociais como mediadores da produção cultural, compreendendo que a relação entre produtores e receptores de imagens se traduz numa negociação de sentidos e significados”^{xxiii}.

Portanto, os jornais, revistas e suas imagens são perpassados por relações de poder, não do poder como algo universal, nem aquele dos “modelos jurídicos (o que legitima o poder?) ou institucionais (o que é o Estado?)”, mas, sim, das relações de poder de uns sobre outros, ou ainda, os “modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos”^{xxiv}. Uma revista impressa, como a *GR*, por exemplo, é um espaço em que o poder é exercido por alguns, sobre outros através desse espaço de mediação discursiva, da atuação de seus fotógrafos e jornalistas que produzem ideias e informações para compor um possível campo de ação para os seus leitores e a sociedade, elaborando assim um espaço de condução de condutas. Salienta-se, também, que uma série de indivíduos e grupos externos atuaram junto ao espaço interno da revista, especialmente, aqueles que financiaram economicamente suas publicações, os quais identificam-se nos anúncios de máquinas, produtos químicos, propriedades, automóveis, etc.

Para conceitualizar a prática de “condução de condutas”, proposta por Foucault^{xxv} relacionou o desenvolvimento do cristianismo, através da prática pastoral, como uma forma de poder que se expandiu para outras esferas a partir do século XVIII. De acordo com ele, a religião cristã possui a particularidade de ser a única instituição que se organizou na igreja e possui a premissa de que alguns indivíduos são aptos, por sua qualidade religiosa, a servir outros, como pastores:

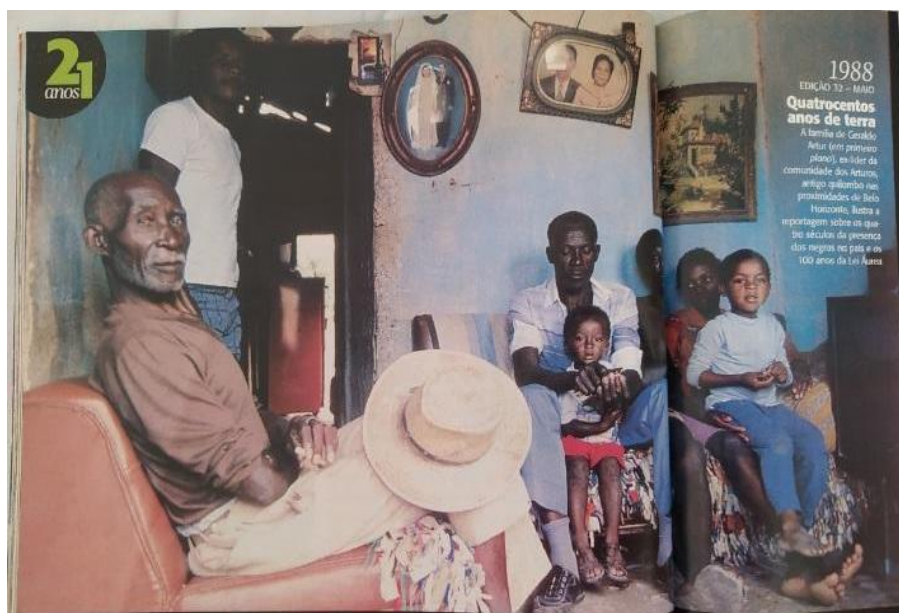
- 1 – é uma forma de poder cujo objetivo final é garantir a salvação dos indivíduos no outro mundo.*
- 2 – não é uma espécie de poder que ordena (soberano), mas se sacrifica pelos seus.*
- 3 – não se preocupa apenas com o conjunto, mas com cada indivíduo.*
- 4 – essa forma de poder não pode exercer-se sem conhecer o que se passa na cabeça das pessoas...implica o conhecimento das pessoas e a aptidão para dirigi-las^{xxvi}.*

Surge então, mais uma questão: como se pode relacionar esse entendimento ao objeto de estudo que se propõe analisar aqui? Foucault, explica então que ocorreu por volta do século XVIII, uma nova distribuição, uma nova organização desse tipo de poder individualizante, ou seja, pode-se encontrar resíduos dessa forma de poder distribuídos em diversas instituições contemporâneas. [...] “passa-se da preocupação em conduzir pessoas para a salvação no outro mundo a ideia de que deve-se garanti-la aqui embaixo”^{xxvii}. Dessa forma, a ideia de salvação toma diferentes formas, ligadas a aspirações sociais: “ela quer dizer saúde, bem-estar, segurança, proteção contra os acidentes. Certo número de objetivos terrestres vem substituir as aspirações religiosas de pastoral tradicional”^{xxviii}.

Nesse sentido, também a modernização agrícola foi apresentada como uma forma de redenção. A *GR* defendia a ideia de que se os agricultores tivessem acesso ao conhecimento agrícola de técnicas, manuseio de máquinas e produtos químicos, se aumentassem os índices de produtividade, seriam salvos das ameaças do êxodo rural e do desaparecimento de sua cultura e formas de vida rurais. Essa concepção pode ser observada na seleção de fotografias de Ernesto de Souza, que orientou o setor fotográfico do periódico e que influenciou também na publicação da seção Ensaio.

Na primeira imagem dessa seleção (figura 1), já publicada em maio de 1988, Ernesto de Souza retratou a família de Geraldo Arthur, ex-líder da comunidade dos Arturos, antigo quilombo nas proximidades de Belo Horizonte. Nas palavras do autor, essa imagem “ilustra a reportagem sobre os quatro séculos da presença dos negros no país e os 100 anos da Lei Áurea”^{xxix}.

Figura 1 – Quatrocentos anos de terra



Fonte: *Globo Rural*, 252, 2006, p. 50. Acervo Labimha.

Na imagem visualiza-se a família, com o patriarca em primeiro plano, ao fundo, estão seus filhos, nora e netos. A casa onde posam para a fotografia também é um destaque, com paredes rústicas e envelhecidas. Os quadros tortos exibem o retrato de Geraldo e sua esposa, além de um casal de pessoas brancas, que a reportagem da edição de 1988 sugeria serem os antigos patrões que deixaram as terras em doação aos ex-escravos. Há ainda um terceiro quadro que, em uma imagem idílica, destaca uma grande casa. Além de se referir à escravidão como um acontecimento do passado, nota-se que todas as características da fotografia remetem a um cenário antigo, ou até mesmo a uma experiência temporal que parece ter ficado fossilizada, como um passado que teima em permanecer.

Nesse sentido, Mauad destaca a capacidade narrativa das imagens técnicas e sua dimensão temporal^{xxx}. Fica evidente nessa fotografia uma ação específica utilizada pelo fotógrafo para articular passado, presente e futuro. Diferente do que ocorre quando o futuro comanda (futurismo), o presente, nesta imagem, assume um papel central, seja por sua negação, seja por uma tentativa de mudar a rota.

O passado é retratado como um lugar distante e arcaico, e assim, é como se “nosso presente diferisse de outros presentes do passado”^{xxxI}. Esse processo é descrito por Hartog como “presentismo”, um modelo de compreensão que ele chama de regime de historicidade^{xxxII}.

Segundo Hartog, “[...] longe de ser uniforme e unívoco, este presente presentista é vivenciado de forma muito diferente conforme o lugar ocupado na sociedade”^{xxxIII}, o que pode ser observado na narrativa da *Globo Rural*, especialmente na imagem mencionada. A revista, que habitualmente publica reportagens retratando o presente no espaço rural como “o tempo dos fluxos, da aceleração e de uma mobilidade valorizada e valorizante”^{xxxIV}, passa a descrever “a permanência do transitório, um presente em plena desaceleração, sem passado – se não de um modo complicado (ainda mais para imigrantes, exilados e deslocados) e sem futuro real tampouco (o tempo do projeto não está aberto para eles)”^{xxxV}, o que se observa na imagem e no texto da reportagem sobre os remanescentes do quilombo.

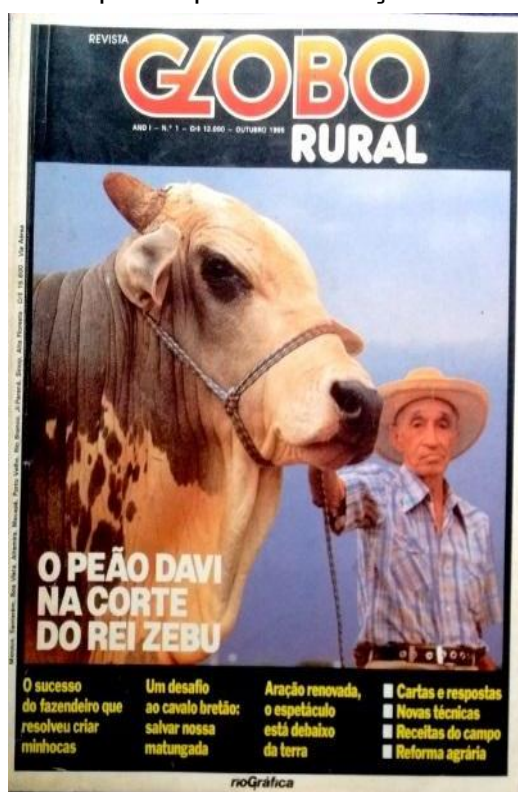
Percebe-se também que, no regime presentista apresentado pela *Globo Rural*, há um horizonte aberto para os modos de vida rurais que se adaptaram à modernização, convivendo com a aceleração provocada por novas tecnologias que os levariam à produtividade, ao progresso e à mobilidade entre campo e cidade. Contudo, esse horizonte é fechado “para uma sobrevivência diária e um presente estagnante”^{xxxVI}. Para os quilombolas retratados, bem como para todos os agricultores pobres e povos originários, o presente é visto como estagnado e cheio de passado, e o futuro “percebido, não mais como promessa, mas como ameaça”^{xxxVII}, especialmente a do desaparecimento pelo êxodo rural.

Na década de 1980, o Brasil passava por um intenso processo de urbanização; no entanto, a agricultura se tornava um tema de primeira importância. Em parte, devido aos índices econômicos alcançados pela expansão da fronteira

agropecuária, que atingia o Cerrado e a Amazônia, o avanço das pesquisas da Embrapa e a expansão da Revolução Verde. A *Globo Rural* surgiu para retratar esse cenário agrícola, com altos índices de produção e produtividade, expansão da fronteira, e uso de máquinas e insumos anunciados em suas páginas. Nesse sentido, proliferaram-se reportagens retratando tanto “as epopeias” dos agricultores que impulsionavam a expansão da fronteira agrícola, especialmente os descendentes de europeus, amplamente favorecidos pelo acesso a políticas públicas e à terra, quanto daqueles que ficavam à margem desse processo e viviam sob a constante ameaça de desaparecimento.

Para observar esse contexto, utiliza-se como exemplo a primeira edição da revista, que retratava já na capa, “a epopeia” do peão Davi^{xxxviii}, um agricultor, em busca da criação do boi zebu ideal, raça que se tornou uma das principais na pecuária extensiva nacional (Figura 2).

Figura 2 – Capa da primeira edição da *Globo Rural*



Fonte: *Globo Rural*, 01, 1985, p. 01. Acervo Labimha.

O fato de Davi ser retratado na capa da primeira edição em si é simbólico, à sua frente, estava o boi Zebu, em primeiro plano, majestoso, evidenciando assim, a relevância da pecuária extensiva para a agricultura que a revista viria a divulgar amplamente. A epopeia da qual se refere a reportagem foi a importação de alguns exemplares da raça zebuína (*bos taurus indicus*) e de sua adaptação ao ambiente brasileiro, as constantes tentativas, através do uso de técnicas e produtos agrícolas e o “trabalho incansável” de Davi teriam o levado a conseguir tal intento, a adaptação e multiplicação dessa raça de bovinos. Assim foram sendo retratados predominantemente os agricultores que se ligavam à lógica do mercado, sendo eles, em sua maioria brancos, de origem europeia.

Ambas as reportagens citadas acima, tanto a do quilombo, quanto a do peão Davi, demonstram diferentes formas de organizar as experiências temporais desses grupos de agricultores, dentro da ação da revista para conduzir condutas. Na edição de 1988^{xxxix}, mencionada acima, após descrever o quilombo que estava prestes a desaparecer, a *GR* apresentou outro grupo de quilombolas, mas agora como modelo e alternativa de sobrevivência para os demais. Esses, por sua vez, haviam adotado tecnologias, máquinas e insumos agrícolas, construíram perspectivas reais, segundo a *GR*, de permanência e manutenção de sua cultura no meio rural, e, por isso, serviam de modelo para os primeiros e para os demais. As coordenadas, técnicas e informações necessárias para adentrar a essa realidade ficavam por conta da própria revista que, nessa edição, e em todo seu conteúdo, apresentava-se como tradutora do agronegócio, diga-se de, antemão, “condutora” de condutas para o agronegócio.

Desse modo, percebe-se uma evidente estratégia de condução de condutas, onde a narrativa de decadência e ameaça de desaparecimento, clara na imagem acima do quilombo dos arturos, apresenta a necessidade pela “salvação”, nesse caso, apresentada como produtividade e a lucratividade

agrícola, e ao propor o caminho e o manual para seguir por ele, a revista buscava conduzir a conduta tanto desses indivíduos como de todos os leitores. O diferente trato do fotógrafo e do periódico para com o campesinato, pode ainda ser visualizado nas imagens abaixo, também publicadas na reportagem sobre o olhar de Ernesto de Souza^{XL} (Figura 3).

Figura 3 – Olhar de Ernesto e o olhar da revista para o campo



Fonte: *Globo Rural*, 252, 2006, p. 50. Acervo Labimha.

As fotografias mencionadas foram dispostas na reportagem conforme a ordem descrita anteriormente. Na primeira imagem, observa-se em primeiro plano uma criança negra, vestindo apenas roupas íntimas e encolhida. Ao fundo, vê-se uma paisagem seca com um rio de volume reduzido, onde repousa um barco e um indivíduo que parece ser um pescador, embora não esteja desempenhando nenhuma atividade. Ambos observam um grupo de jovens negros praticando capoeira, ou uma atividade similar, tradicional das culturas afro-brasileiras. A ênfase desta imagem está na prática cultural, e todos os elementos mencionados

contribuem para afastar esse grupo da ideia de uma agricultura moderna e pujante, em contraste com a imagem seguinte.

Nesta segunda imagem (imagem 3), por outro lado, vemos em primeiro plano um homem branco, descendente de imigrantes europeus e agricultor. Atrás dele estão sua família e sua casa, todos com características simples, porém completamente vestidos, e a referência direta está na prática do trabalho. A paisagem na qual posam para o fotógrafo é a de um campo, um monocultivo de centeio na região sul do Brasil. Percebe-se que, na primeira imagem, a centralidade está na miséria e nas práticas culturais, enquanto na segunda, está na abundância da produção agrícola. Sousa^{xii} explica que, visando à eficiência da mensagem no fotojornalismo, busca-se transmitir uma única ideia ou sensação: pobreza, calma, velhice, exclusão social, pôr do sol, acidente, entre outros. Quando se tenta transmitir várias ideias numa mesma imagem, há grande risco de gerar confusão. Isso ocorre porque:

[...] quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar um acontecimento representado (ou as pessoas) e a sua atmosfera. Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa juntar a força noticiosa à força visual. Só assim consegue, no contexto da imprensa, juntar a impressão da realidade a uma impressão da verdade^{xlii}.

No caso das imagens acima, observa-se que os agricultores de origem africana são retratados em um cenário de pobreza, sem qualquer referência a práticas agrícolas, e a pesca não pode ser confirmada, dado que o rio aparenta estar em franca deterioração. O que persiste são as práticas culturais, que, embora não sejam desvalorizadas, contrastam com o foco da *Globo Rural*, que se pretende destacar práticas agrícolas, cultivos, e a exploração da flora e fauna. Quando um determinado grupo é frequentemente excluído desse contexto agrícola, surgem questionamentos sobre os motivos dessa exclusão.

Em contraste, em diversas reportagens do periódico, outros grupos são consistentemente apresentados acompanhados de suas produções agrícolas, que são retratadas como cada vez mais abundantes, embora raramente diversas. Os camponeses de origem europeia, mencionados acima, estão situados em meio a uma vasta produção de trigo, típica da região sul, além de soja e milho. O objetivo não é emitir um juízo de valor entre grupos, mas analisar como a revista constrói diferentes experiências espaço-temporais do campesinato, qual tipo de agricultura é promovida e os métodos utilizados para influenciar seus leitores a adotar essa visão.

Dado que a reportagem se propôs a apresentar o “olhar de Ernesto de Souza”, principal fotógrafo e responsável pelo discurso imagético do periódico, pode-se inferir uma possível intenção de direcionar a visão dos leitores para uma agricultura voltada ao produtivismo, à integração ao mercado global e à expansão de monoculturas. Nesse contexto, as experiências espaço-temporais são (re)elaboradas segundo a perspectiva da revista.

Os ensaios

A prática de publicar ensaios fotográficos nas edições da *Globo Rural* tornou-se comum a partir de 2005. Trata-se de um apanhado de imagens de fotógrafos, em sua maioria, independentes, mas selecionados pelo crivo de Ernesto de Souza e que retratavam temáticas voltadas para o rural, a natureza e os agricultores. Esses ensaios poderiam ser qualificados como foto-documentários, o que não exclui sua relação com o fotojornalismo, “uma vez que ambos usam das imagens e do mesmo suporte, a imprensa. E tem a mesma função (documentar, informar)”^{XLIII}.

São raros, porém, os ensaios que relacionam agricultores com práticas agrícolas, vistas como “produtivas”, tanto no que diz respeito à produção de

alimentos, quando de mercadorias, enquanto que, multiplicaram-se aqueles sobre efeitos negativos enfrentadas por pescadores, mineradores, sertanejos, quilombolas, ribeirinhos, indígenas que buscavam sobreviver em meio a urbanização, e a própria expansão da fronteira agrícola. Em 2007, um ensaio emblemático produzido pelo fotógrafo Manoel Marques foi publicado na revista^{XLIV}. Tratava-se de uma homenagem ao dia do agricultor, na qual o fotógrafo buscou retratar o dia-a-dia do agricultor Luiz Periotto. Com o título “Luzes sobre Canaã”, as imagens em preto e branco buscavam reconstituir paisagens da vivência do agricultor.

Na Bíblia, Canaã é a terra prometida por Deus aos israelitas, descrita como um local que “jorrava leite e mel”. Usando essa metáfora, a reportagem sugere que o sucesso permanece como uma promessa, e através das imagens, busca iluminar a figura do agricultor e a vida no campo nesse local. Na *Globo Rural*, foi criado o personagem do “homem do campo” para substituir figuras anteriores, como o “jeca tatu” e outros estereótipos de camponeses. Esse novo personagem, inspirado em modelos norte-americanos e popularizado por rodeios e eventos “country”, usava roupas mais sofisticadas e pouco adaptadas ao trabalho pesado, uma vez que as máquinas eram vistas como substitutas dos trabalhos árduos. No entanto, Luiz Periotto representa um contraste, pois sua aparência e vestimentas remetem a um tipo de agricultor diferente daquele promovido pela revista. Em uma imagem do ensaio, o destaque é dado a Luiz Periotto com sua ferramenta de trabalho, a enxada (Figura 4).

Figura 4 – Homenagem ao dia do agricultor em 2007



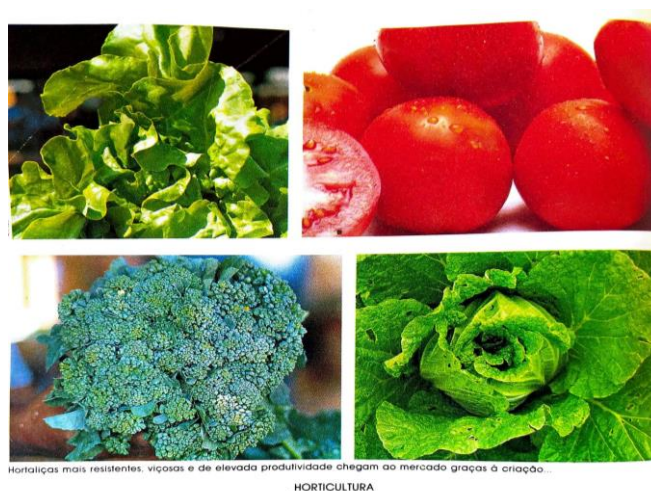
Fonte: *Globo Rural*, 261, 2007, p. 74. Acervo Labimha.

Vê-se na imagem, Luiz Periotto em pé, porém, se encontra de lado novamente e de cabeça baixa. Salienta-se que os gestos, a postura, corporal e facial como as pessoas posam para o fotógrafo profissional, dizem respeito a diferentes aspectos da comunicação não verbal e a fotografia consegue captar e registrar tanto gestos e posturas positivas quanto o contrário.

E, os aspectos que essa imagem destaca, chamam a atenção para o trabalho árduo, para as dificuldades da vida no campo, para a pobreza, ou mesmo, para um tipo de vida arcaico apoiado apenas no trabalho e em ferramentas antigas. Pode transmitir, também, ideias vistas como positivas, como o trabalho árduo, mas, fica evidente o afastamento de inúmeras outras características positivas expressas na revista. Interessante notar também que a enxada não só havia desaparecido das imagens da revista, quanto era vista como sinal de atraso,

de baixa produtividade, e quando usada era na impossibilidade da aquisição de máquinas e tratores. Tal ideia foi expressa já na edição 45 (Figura 5):

Figura 5 – *Globo Rural* 45 “adeus enxada”



Adeus, enxada

*Os canteiros do Brasil
começam a experimentar as vantagens da pesquisa
e da tecnologia moderna*

Sérgio de Oliveira

Fonte: *Globo Rural*, 45, 1989, p. 35. Acervo Labimha.

Na imagem cinco, o jornalista Sérgio de Oliveira afirma que “[...] com anos de atraso em relação a seus iguais europeus e norte-americanos os agricultores brasileiros começaram a descobrir o “arsenal” tecnológico que tinham à sua disposição para adentrar ao mercado globalizado, assim, deixavam cada vez mais longe a enxada”^{XLV}. Mas, além de descrever essas ferramentas como arcaicas, a reportagem descreve que as novas máquinas “num dia de trabalho substituem os braços de até 200 homens”^{XLVI}. O que parece contraditório para o discurso do trabalho árduo e de que o emprego de tecnologia manteria as pessoas no campo e conteria o êxodo rural, sendo que, um dos slogans é reduzir as enxadas, e, consequentemente, a mão de obra que as manuseiam.

Em 2007 a *GR* publicou um ensaio reunindo fotografias de pescadores e de seu cotidiano. Tratava-se de uma síntese dos ensaios do fotógrafo Roberto Linsker,

publicados num livro que reuniu 92 imagens tiradas em toda a costa brasileira, Linsker buscou documentar os 9 mil quilômetros do litoral brasileiro, colhendo imagens que “retratassem a simplicidade e a riqueza dos pescadores artesanais”^{XLVII}. A primeira imagem, denominada de “multiplicação” foi tirada no distrito de Bitupitá, cidade de Barroquinha/Ceará. Tanto a praia de Bitupitá, quanto toda a cidade são áreas ricas em biodiversidade aquática, endêmicas de diversas espécies de peixes, fator que faz da pesca a principal fonte de renda da população local. Tanto que desenvolve-se a mais de um século a prática conhecida como curral das águas, conforme buscou-se retratar na fotografias abaixo (Figura 6):

Figura 6– Pescador de Imagens



Fonte: *Globo Rural*, 256, 2007, p. 64. Acervo Labimha.

Sabe-se que uma imagem tem o poder de mostrar e de esconder diferentes pontos e realidades. Na imagem 06 chama a atenção para a prática tradicional da pesca de curral, trabalho que os indivíduos que ali vivem têm realizado desde pelo menos o século XIX e que tem marcado sua sobrevivência, tanto como produção de alimento, comércio, mas, também como relação com o ambiente e com as diversas espécies aquáticas manuseadas. Todavia, o Estado do Ceará

decretou a Lei nº 13.497, de 06 de Julho de 2004, que passou a proibir, por considerar predatória, a pesca de curral “a despeito desse petrecho ser largamente utilizado por diversas comunidades distribuídas ao longo da costa cearense”^{XLVIII}.

Tal questão intrigou os sociólogos Emerson Arruda e Fábio Matos a entender como a legislação impactou a vida dessas comunidades no Litoral Extremo Oeste do Ceará, a partir de entrevistas com esses pescadores. De acordo com eles “[...] dados coletados em campo registraram que Bitupitá chegou a ter mais de 70 currais em pleno funcionamento na década de 1960” e “[...] em 2019, foram mapeados 42 currais no mar de Bitupitá, nos quais trabalham cerca de 250 pescadores, o que nos leva a concluir que esse tipo de pesca é a principal fonte de renda e alimento para uma grande parcela de sua população”^{XLIX}.

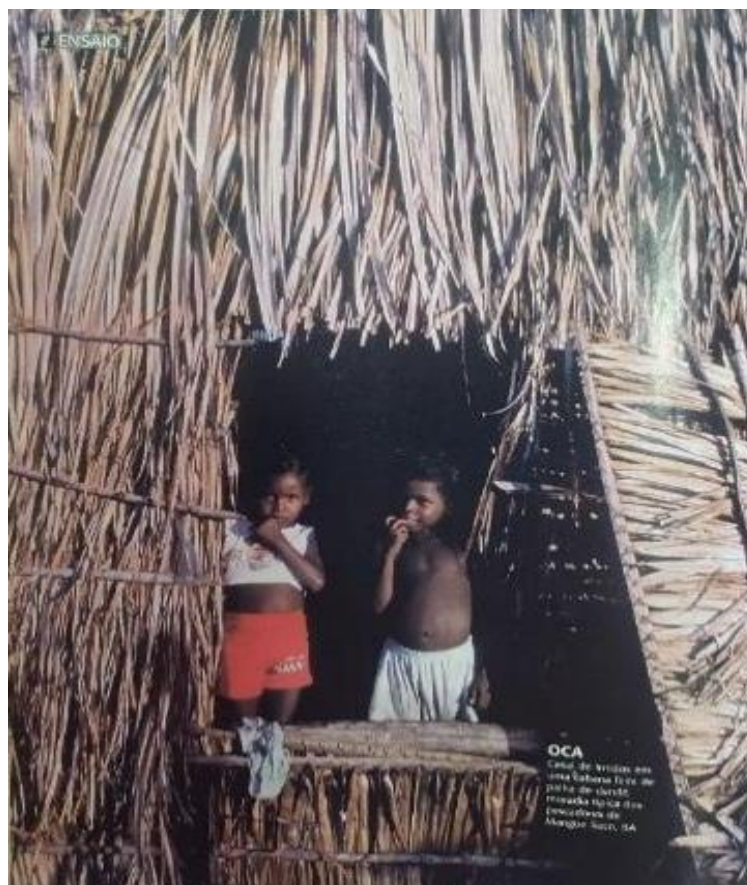
Interessante destacar que na visão desses pescadores de Bitupitá “[...] a pesca de curral é uma atividade essencial para a comunidade, pois, segundo eles, é uma atividade ancestral, passada de geração em geração e um dos poucos meios de vida disponíveis”^L. Essa informação pode ajudar a explicar a constituição étnica dos pescadores da região retratados também na imagem publicada pela *GR*. Conforme a imagem os pescadores retratados são homens negros, aliado ao fato da menção a ancestralidade dessa prática, a saber, realizada em países como Moçambique, mas também em Portugal, pode-se aferir que eram indivíduos afro-brasileiros que mantem conhecimentos compartilhados pela diáspora e pelo contato com portugueses e indígenas.

Corroborando com a narrativa de miséria, pobreza e decadência, frequentemente percebido nos ensaios da *GR*, nota-se a recorrência com que crianças camponesas apareciam nessas condições. Geralmente observam-se que crianças negras, quilombolas, indígenas, das regiões norte e nordeste, eram as que estampavam esses ensaios, enquanto que na seção “Balaio” que publicava fotografias relacionadas à produção agrícola eram recorrentes as imagens de

crianças brancas, das regiões sul, sudeste, centro-oeste e sempre posando com animais, plantas, lavouras, entre outros elementos que representavam a produção.

O ensaio da edição 264 de 2007 narra esse contexto. Nessa edição foi publicado um ensaio do fotojornalista Ivan Carneiro sobre o trabalho infantil em algumas regiões do nordeste brasileiro, e tradicionalmente, a seção Balaio trouxe fotos sobre curiosidades da produção agrícola enviadas por leitores naquele período. Abaixo analisa-se a narrativa das duas seções. De acordo com a revista, Ivan Carneiro “tem retratado pequenos brasileiros nem sempre sorridentes. As imagens revelam, contudo, faces de um país que a todo custo mantém a fé em um amanhã melhor (Figura 7)”^{LI}.

Figura 07 – Filhos da esperança



Fonte: *Globo Rural*, 264, 2007, p. 78. Acervo Labimha.

A reportagem descreve que os moradores de Curral das Pedras, um território que estava em situação de litígio entre os estados do Piauí e do Ceará, quando iniciava a época de secas, mudavam-se para esses locais que acumulavam água das chuvas. Eram indivíduos com “endereço incerto”, tanto pela situação de litígio da região, quanto pela falta de acesso à água potável e moradia. Os elementos pobreza, precariedade de habitação e tristeza que é resultado do não acesso à diversão da infância da qual foram desprovidos. Nessa imagem do ensaio de Ivan Carneiro, buscou-se representar uma oca, moradia construída a partir de palhas de dendê, típica cabana dos pescadores de Mangue Seco/BA. Duas crianças são fotografadas, elas vestem roupas simples, elemento que corrobora para os demais que buscam passar a ideia de pobreza, além disso, suas barrigas estão inchadas, possivelmente pela presença de vermes, comuns em áreas sem acesso à água potável ou saneamento básico.

Essa mesma edição da *GR*, trazia outras fotografias retratando crianças no campo, mas, na seção “Balaio”, essa seção esteve presente na revista desde a primeira edição, trata-se de um apanhado de fotografias enviadas pelos leitores retratando o cotidiano no meio rural. A revista sempre destacou o fato de receber centenas de fotos diariamente e é importante ressaltar que toda seleção, seja de fotografias, seja de cartas de leitores é feita para atender determinada linha editorial, pois, a escolha de algumas em detrimento de outras, atende interesses que expressam um determinado entendimento ou uma ideia do que era rural e o que não era para determinado grupo ou instituição. Nessa seção predominam fotografias de crianças ao lado animais, plantas, tratores, além de imagens curiosas, o “melão gigante”, o cacho com recorde de bananas, etc. Tal narrativa pode ser percebida na Figura 08:

Figura 08 – Balaio



Fonte: *Globo Rural*, 264, 2007, p. 108. Acervo Labimha.

A frase em destaque sugere a mensagem que se queria passar: “só alegria”^{LII}. Na foto pode-se observar em primeiro plano Pedro Henrique, uma criança que está montada no boi “barela”, ao lado do tio. Ao fundo, algumas poucas árvores, dispersas entre um vasto campo destinado a pecuária. Percebe-se a instrumentalização do animal para atender diversos interesses dos indivíduos, e, no contexto dessa edição, chama a atenção o sentido de lazer, onde a montaria era afastada de qualquer ideia de trabalho infantil, era apenas brincadeira, pela qual essa criança tinha acesso a infância lúdica em sua vivência no espaço rural.

Depois de apresentar um ensaio retratando crianças negras e indígenas vítimas do trabalho infantil, imersas numa situação de miséria, da qual lutavam para sobreviver, a revista trazia então crianças onde era assegurado o direito a infância e a diversão. Não se trata de negar o papel relevante do jornalismo em denunciar situações de violação de direitos, mas, questionar se o fato das

desigualdades sociais presentes no espaço rural, como é caso da miséria e da precariedade do trabalho, permanecessem como resultados de processos históricos como a escravidão e a negação do acesso à terras aos agricultores pobres. Tais processos buscaram atender tanto a lógica produtiva agroexportadora, quanto à expansão da fronteira agrícola, a partir de um projeto de modernização, pautado na imigração europeia baseada em políticas públicas de extensão rural e financiamento. Numa outra fotografia da seção Balaio, dessa mesma edição, crianças posavam para a câmera segurando uma fruta colhida na propriedade da família (Figura 9).

Figura 9 – crianças e o meio rural



Fonte: *Globo Rural*, 264, 2007, p. 108. Acervo Labimha.

A imagem 9, buscou retratar a felicidade das duas crianças com a colheita de um mamão gigante. O fato de trazer as crianças se divertindo ou aprendendo sobre a agricultura, representa também uma iniciativa de fazer frente a “ameaça” que o êxodo rural representava desde as últimas décadas do século XX. Sabe-se que nos discursos presentistas o futuro é visto como ameaça, e na narrativa da *GR* fica evidente que ele é representado pela instrumentalização do medo de ter que deixar o campo, do desaparecimento de culturas pela impossibilidade de

sobrevivência e improdutividade. Relacionar, então, simbolicamente as crianças envolvidas com as práticas agrícolas e diante da fartura dos alimentos, fazia alusão a solução para o êxodo, para a fome, a exploração, dentro de uma lógica produtiva que era a da modernização agrícola.

Essa análise revela uma crítica implícita ao modo como a revista constrói narrativas que, ao invés de questionar as condições socioeconômicas que perpetuam a marginalização, reforçam estereótipos sobre populações já vulneráveis, especialmente no contexto do trabalho ilegal e das atividades mineradoras no Brasil. A conclusão do capítulo sugere que essa visão distorcida serve para consolidar uma divisão social, ao mesmo tempo em que oculta as verdadeiras causas da desigualdade e da exclusão.

Considerações

“o silêncio é uma forma de memória”^{III}.

Esse artigo buscou compreender como foram representados diferentes camponeses no discurso fotográfico da revista Globo Rural. Esse periódico dominou as bancas de revistas de todo o país na temática rural, bem como, tornou-se o de maior alcance na América Latina, sendo também publicado em Portugal e tendo inspirado uma publicação do mesmo molde na Argentina. Seu vasto alcance é atestado, a revista chegou até muitos, mas não direcionou-se a todos da mesma forma, nem retratou a todo tipo de agricultura e agricultor com o mesmo olhar.

Pode-se perceber que o periódico buscou trazer para suas páginas diferentes indivíduos e comunidades de agricultores. Mas, no cerne da discussão aqui realizada esteve a perspectiva adotada pela revista para apresentar esses indivíduos e suas formas de vida para um público tão vasto. Desde sua fundação em 1985, a publicação mensal trouxe uma diversidade de imagens, tiradas em

meio a produção das reportagens para o programa de tv, ou selecionadas entre as “milhares de cartas” enviadas pelos seus leitores. E, em sua ação de fotografar, selecionar e publicar foi construindo um discurso sobre os agricultores e as agriculturas que buscava apresentar, documentar, “trazer a luz”.

Mas, entre esses agricultores raramente apareciam os de origem africana, indígena, entre outros, as ditas “minorias”. Algo similar foi constatado em imagens dos últimos anos do Império por Schwarcz “Se nesse contexto camponeses se transformavam em uma representação positivada para a construção das novas nacionalidades – sendo destacados seus costumes e hábitos não conspurcados pelos “vícios das cidades””, “[...] mais difícil seria incluir os escravos nesse mesmo “pacote”, convertidos em objetos exóticos, eles terão seus corpos expostos e pacificados”^{LIV}. No contexto do fim do século XX e início do XXI, os camponeses fizeram parte uma vez mais da construção da imagem de um Brasil em redemocratização e em desenvolvimento econômico, mas, limitou-se outra vez a inserção dos agricultores tradicionais, das comunidades negras, os assentados da reforma agrária, pescadores, nesse discurso, como se viu nos ensaios da *GR*, eram novamente vistos sob a ótica do exotismo ou da decadência.

Em suma, destaca-se que a narrativa da *GR* foi construída a partir de duas perspectivas principais que se relacionam a todo momento. A primeira linha de ação diz respeito a condução de condutas, cujo objetivo principal foi, com base na lógica da modernização agrícola e da Revolução Verde, preparar um campo de possibilidades de ação para os agricultores e a agricultura nacional. Para isso emergiu a segunda perspectiva, pautada no “retrato” dos agricultores e da agricultura, a partir de suas experiências no tempo e no espaço. Assim, a partir das fotografias evocava-se temporalidades bastante distintas para cada grupo de agricultores.

Observou-se nas imagens publicadas nos ensaios, um grupo de quilombolas, por exemplo, foi apresentado de forma fosseificada, vivendo em constante ameaça de desaparecimento. Já aqueles que adotaram diferentes produtos agrícolas “modernizaram-se”, tendo sua experiência presente localizada entre os fluxos do mercado global, a mobilidade e a aceleração “valorizada e valorizante” apresentado através de fotografias que os localizava entre campos de cultivos, frutas e verduras fartas, ou máquinas.

Diferentes estudos têm demonstrado, entretanto, que o Brasil sempre apresentou diferentes grupos de camponeses, cuja lógica de existência e sobrevivência difere daquela hegemônica, muitas das vezes, sobrevivendo as margens do sistema que foi se estabelecendo. Para tanto, elaboram conhecimentos agrícolas e de relação com o ambiente que foram sendo compartilhados por séculos. Uma gama de agricultores pobres luso-afro-ameríndios sobreviveu às dificuldades de acesso à terra e construiu formas de resistência no espaço rural. Condicionar sua permanência no campo apenas se atrelada aos pacotes da Revolução Verde é silenciar-se sobre sua história, é esconder práticas agrícolas alternativas que tem muito a ensinar às sociedades contemporâneas, especialmente no que diz respeito a uma agricultura sustentável e ecológica, que respeita a agrobiodiversidade e é coerente ao clima nos ambientes tropicais.

Notas

¹ GLOBO RURAL. 1985. O Peão Davi na corte do rei Zebu. n. 01, p. 04.

² MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 1, p. 87-98, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/68xnZMhnd73FV347vdBrvSH/?lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2025.

DREIFUSS, René. **A conquista do Estado**: ação, política e golpe de classe. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981, p. 106-107.

- ^{III} FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Coleção Ditos e Escritos IX**. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-140.
- ^{IV} SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e Agenciando Imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, v.04. n.02, outubro de 2014. p.391-431.
- ^V PÁDUA, José Augusto; CARVALHO, Alessandra Izabel de. A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, 2020, p. 1311-1340.
- ^{VI} LITTLE, Paul. 2004. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade. In: Anuário Antropológico 2002/2003. Rio de Janeiro.
- ^{VII} CARNEY, Judith A. **Black rice: the African origins of rice cultivation in the Americas**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- ^{VIII} CARNEY, Op. Cit., 2001, p. 43.
- ^{IX} COSTA E SILVA, Alberto da. O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, 1994, p. 21-42.
- ^X RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O Pós-abolição como Problema Histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, jan-jun, 2004, p. 170-198.
- ^{XI} CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **Bioses Africanas no Brasil**. Notas de história ambiental. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2012.
- ^{XII} REIS, João José; GOMES, Flávio. **Liberdade por um Fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ^{XIII} RIOS, Ana. Campesinato negro no período pós-Abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto. **Cadernos IHU Ideias**, v.5, n.76, 2007, p.1-19.
- ^{XIV} FRAGOSO, João. O Império Escravista e a República dos Plantadores. In: LINHARES, Maria Yedda. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016, p. 23-278.
- ^{XV} MOTTA, Márcia Maria Menendes. Nas fronteiras do poder: conflito de terra e direito à terra no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Vício de Leitura: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1988.
- ^{XVI} WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.
- ^{XVII} SCHWARCZ, Op. Cit., 2014, p. 393.
- ^{XVIII} MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.13. n.1, 2005, p. 133-174.
- ^{XIX} SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- ^{XX} LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ^{XXI} GLOBO RURAL. 2006. O olhar de Ernesto de Souza. **Globo Rural**, 252, p. 50.
- ^{XXII} GLOBO RURAL. Op. cit., 2006, p. 50.
- ^{XXIII} MAUAD, Op. Cit., 2005, p. 134.
- ^{XXIV} FOUCAULT, Op. Cit., 2014, p. 118.

- xxv FOUCAULT, Op. Cit., 2014, p. 118.
- xxvi FOUCAULT, Op. Cit., 2014, p. 118.
- xxvii FOUCAULT, Op. Cit., 2014, p. 118.
- xxviii FOUCAULT, Op. Cit., 2014, p. 18.
- xxix GLOBO RURAL. Op. cit., 2006, p. 50.
- xxx MAUAD, Op. Cit., 2005, p. 134.
- xxxi HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2014.
- xxxii HARTOG, Op. Cit., 2014, p. 14.
- xxxiii HARTOG, Op. Cit., 2014, p. 14.
- xxxiv HARTOG, Op. Cit., 2014, p. 14.
- xxxv HARTOG, Op. Cit., 2014, p. 14.
- xxxvi HARTOG, Op. Cit., 2014, p. 14-15.
- xxxvii HARTOG, Op. Cit., 2014, p. 14-15.
- xxxviii GLOBO RURAL. Op. Cit., 1985, p. 01.
- xxxix GLOBO RURAL. Op. Cit., 1988.
- xl GLOBO RURAL. Op. Cit., 2006, p. 51.
- xli SOUSA. Op. Cit., 2004, p. 03.
- xlII SOUSA. Op. Cit., 2004, p. 03.
- xlIII SOUSA. Op. Cit., 2004, p. 03.
- xlIV GLOBO RURAL. "O dia do agricultor". Globo Rural, 256, 2007, p. 64.
- xlV GLOBO RURAL. "Adeus enxada". Globo Rural, 45, 1989, p. 35.
- xlVI GLOBO RURAL. Op. cit., 1989, p. 35.
- xlVII GLOBO RURAL. Op. cit., 2007, p. 64.
- xlVIII ARRUDA, Emerson Alves; MATOS, Fabio de Oliveira. A Pesca de Curral em Bitupitá: entre o tradicional e o antijurídico. **Encontros Universitários da UFC**, v. 4, n. 3, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/eu/article/view/55767>
- xlIX ARRUDA, MATOS, Op. Cit., 2019, p. 2222.
- l ARRUDA, MATOS, Op. Cit., 2019, p. 2222.
- li GLOBO RURAL. "Balaio". Globo Rural, 267, 2007, p. 78.
- lii GLOBO RURAL. "Balaio". Globo Rural, 264, 2007, p. 108.
- liii REIS, Op. Cit., 2014.
- liV SCHWARCZ, Op. Cit., 2014, p. 393.

Fontes

REVISTA GLOBO RURAL. Rio de Janeiro, edição 1, ano 1, outubro de 1985.

REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 45, ano 5, maio de 1989.

REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 212, ano 19, abril de 2003.

REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 252, ano 22, outubro de 2006.

REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 256, ano 22, fevereiro de 2007.

REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 258, ano 22, abril de 2007.
 REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 261, ano 22, julho de 2007.
 REVISTA GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, edição 264, ano 23, outubro de 2007.

Referências

ARRUDA, Emerson Alves; MATOS, Fabio de Oliveira. A Pesca de Curral em Bitupitá: entre o tradicional e o antijurídico. **Encontros Universitários da UFC**, v. 4, n. 3, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/eu/article/view/55767>

CARNEY, Judith A. **Black rice**: the African origins of rice cultivation in the Americas. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza, (Org). **Bioses Africanas no Brasil**. Notas de história ambiental. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2012.

COSTA E SILVA, Alberto da. O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 21-42, 1994.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: FOUCAULT, M. **Coleção Ditos e Escritos IX**. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-140.

FRAGOSO, João. 2016. O Império Escravista e a República dos Plantadores. In: LINHARES, Maria Yedda. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 23-278.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade. In: Anuário Antropológico 2002/2003. Rio de Janeiro: 2004.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.13. n.1.p. 133-174. jan. – jun. 2005.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 1, p. 87-98, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/68xnZMhnd73FV347vdBrvSH/?lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2025.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. **Nas fronteiras do poder**: conflito de terra e direito à terra no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Vício de Leitura: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

PÁDUA, José Augusto; CARVALHO, Alessandra Izabel de. A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1311-1340, out. 2020.

RIOS, Ana. Campesinato negro no período pós-Abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto. **Cadernos IHU Ideias**, v.5, n.76, p.1-19, 2007.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O Pós-abolição como Problema Histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004. pp. 170-198.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e Agenciando Imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, v.04. n.02, outubro, 2014. p.391-431.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

WORSTER, Donald. 1991. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215.

Recebido: 15/07/2024

Aprovado: 25/11/2024

Publicado: 31/03/2025